

Custo da cesta básica diminui em todas as cidades em julho

O valor do conjunto dos alimentos básicos diminuiu nas 17 capitais onde o DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) realiza mensalmente a Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos. Entre junho e julho de 2024, as quedas mais importantes ocorreram no Rio de Janeiro (-6,97%), em Aracaju (-6,71%), Belo Horizonte (-6,39%), Brasília (-6,04%), Recife (-5,91%) e Salvador (-5,46%).

São Paulo foi a capital onde o conjunto dos alimentos básicos apresentou o maior custo (R\$ 809,77), seguida por Florianópolis (R\$ 782,73), Porto Alegre (R\$ 769,96) e Rio de Janeiro (R\$ 757,64). Nas cidades do Norte e do Nordeste, onde a composição da cesta é diferente, os menores valores médios foram registrados em Aracaju (R\$ 524,28), Recife (R\$ 548,43) e João Pessoa (R\$ 572,38).

A comparação dos valores da cesta, entre julho de 2023 e julho de 2024, mostra que o custo dos alimentos básicos aumentou em 11 cidades, com destaque para as variações de Goiânia (5,82%), Campo Grande (5,54%) e São Paulo (5,17%). Entre as seis localidades com retração nos preços, sobressaem Recife (-7,47%) e Natal (-6,28%).

Nos sete meses de 2024, 15 cidades tiveram elevação nos preços médios, com variações entre 0,06%, em Belo Horizonte, e 7,48%, em Fortaleza. As diminuições ocorreram em Brasília (-0,63%) e Vitória (-0,06%).

Com base na cesta mais cara, que, em julho, foi a de São Paulo, e levando em consideração a determinação constitucional que estabelece que o salário mínimo deve ser suficiente para suprir as despesas de um trabalhador e da família dele com alimentação, moradia, saúde, educação, vestuário, higiene, transporte, lazer e previdência, o DIEESE estima mensalmente o valor do salário mínimo necessário. Em julho de 2024, o salário mínimo necessário para a manutenção de uma família de quatro pessoas deveria ter sido de **R\$ 6.802,88** ou 4,82 vezes o mínimo de R\$ 1.412,00. Em junho, o valor necessário era de R\$ 6.995,44 e correspondeu a 4,95 vezes o piso mínimo. Em julho de 2023, o

mínimo necessário deveria ter ficado em R\$ 6.528,93 ou 4,95 vezes o valor vigente na época, que era de R\$ 1.320,00.

TABELA 1
Pesquisa Nacional da Cesta Básica de Alimentos
Custo e variação da cesta básica em 17 capitais
Brasil - julho de 2024

Capital	Valor da cesta	Variação mensal (%)	Porcentagem do Salário Mínimo Líquido	Tempo de trabalho	Variação no ano (%)	Variação em 12 meses (%)
São Paulo	809,77	-2,75	62,00	126h10m	6,41	5,17
Florianópolis	782,73	-4,08	59,93	121h58m	3,19	4,83
Porto Alegre	769,96	-4,34	58,95	119h58m	0,45	-0,93
Rio de Janeiro	757,64	-6,97	58,01	118h03m	2,58	2,64
Campo Grande	736,98	-1,59	56,43	114h50m	5,63	5,54
Curitiba	718,32	-4,85	55,00	111h55m	3,03	4,06
Goiânia	695,98	-2,17	53,29	108h26m	3,98	5,82
Brasília	694,31	-6,04	53,16	108h11m	-0,63	0,98
Vitória	688,45	-4,17	52,71	107h16m	-0,06	2,06
Belém	682,39	-1,90	52,25	106h19m	5,72	4,92
Fortaleza	677,53	-2,84	51,87	105h34m	7,48	2,42
Belo Horizonte	656,69	-6,39	50,28	102h19m	0,06	0,60
Salvador	579,75	-5,46	44,39	90h20m	3,38	-2,73
Natal	575,12	-4,03	44,03	89h37m	3,43	-6,28
João Pessoa	572,38	-4,18	43,82	89h11m	5,55	-1,54
Recife	548,43	-5,91	41,99	85h27m	1,92	-7,47
Aracaju	524,28	-6,71	40,14	81h41m	1,36	-4,19

Fonte: DIEESE

Cesta x salário mínimo

Em julho de 2024, o tempo médio necessário para adquirir os produtos da cesta básica foi de 105 horas e 08 minutos, menor que em junho, quando ficou em 109 horas e 53 minutos. Já em julho de 2023, a jornada média foi de 111 horas e 08 minutos.

Quando se compara o custo da cesta com o salário mínimo líquido, ou seja, após o desconto de 7,5% referente à Previdência Social, verifica-se que o trabalhador remunerado pelo piso nacional comprometeu em média, em julho de 2024, 51,66% do rendimento para adquirir os produtos alimentícios básicos, e, em junho, 54,00% da renda líquida. Em julho de 2023, o percentual ficou em 54,61%.

Comportamento dos preços dos produtos da cesta¹

- O preço do quilo do **café em pó** aumentou em todas as capitais, entre junho e julho. As altas variaram entre 1,07%, em Belo Horizonte, e 12,97%, em Brasília. Em 12 meses, todas as cidades apresentaram elevação, com destaque para os percentuais de Aracaju (28,81%) e de Fortaleza (28,04%). A menor oferta internacional e a desvalorização do real diante do dólar elevaram as cotações do grão no mercado externo e interno.
- O preço comercializado do **óleo de soja** subiu em 12 das 17 capitais, entre junho e julho, com destaque para as taxas observadas em Aracaju (6,70%), Rio de Janeiro (3,80%) e Campo Grande (3,76%). As reduções mais expressivas ocorreram em Belém (-4,54%) e Florianópolis (-1,68%). Em 12 meses, o preço caiu em nove capitais. A queda mais significativa foi verificada em Salvador (-9,32%). Outras oito cidades acumularam aumentos, com destaque para o Rio de Janeiro, onde a variação foi de 9,97%. A desvalorização do real em relação ao dólar e o maior volume exportado de óleo contribuíram para a elevação do preço no varejo.
- O valor do quilo do **pão francês** aumentou em 12 capitais, em julho. As maiores variações aconteceram em João Pessoa (2,40%), Campo Grande (2,33%) e Florianópolis (2,03%). O valor ficou estável em Belém e Salvador; e caiu em Brasília (-2,26%), Porto Alegre (-2,22%) e Belo Horizonte(-1,99%). Em 12 meses, o preço médio aumentou em 14 capitais, com oscilações entre 1,20%, em Brasília, e 6,15%, em João Pessoa. As reduções ocorreram em Aracaju (-5,56%), Recife (-1,85%) e Salvador (-0,40%). A baixa oferta de trigo e o encarecimento das importações, provocado pela desvalorização cambial, explicam o aumento do pão francês.
- O quilo do **tomate** teve o valor reduzido em 16 cidades, entre junho e julho. As quedas variaram entre -45,56%, em Campo Grande, e -17,03%, em Fortaleza. A única elevação ocorreu em Belém (0,19%). Em 12 meses, apenas Belém

1 Fontes de consulta: Cepea - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP, Unifeijão, Conab - Companhia Nacional de Abastecimento, Embrapa, Agrolink, Globo Rural, artigos diversos em jornais e revistas.

apresentou taxa positiva (15,77%). Nas demais capitais, houve diminuição no valor médio, com destaque para os percentuais em Recife (-46,79%), Natal (-40,59%) e Belo Horizonte (-36,67%). O calor fez o tomate amadurecer mais rápido, o que elevou a oferta, e os preços diminuíram na maior parte das cidades.

- O preço do **feijão** recuou em 13 capitais, entre junho e julho. Para o tipo preto, coletado nas capitais do Sul, em Vitória e no Rio de Janeiro, as variações ficaram entre -3,04%, em Florianópolis, e -0,66%, em Curitiba. No Rio de Janeiro, o preço médio não variou. Em 12 meses, houve elevação de preço em quase todas as cidades, exceto em Porto Alegre (-3,20%). As maiores altas acumuladas foram observadas em Curitiba (8,42%) e Florianópolis (8,12%). O tipo carioquinha, pesquisado no Norte, Nordeste, Centro-Oeste, em Belo Horizonte e em São Paulo, apresentou aumento em Natal (2,36%), Campo Grande (1,72%) e João Pessoa (0,93%). Já as reduções oscilaram entre em -5,16%, em Belém, e -0,83%, em São Paulo. Em 12 meses, os valores caíram em todas as cidades, com destaque para Belém (-22,57%) e Salvador (-15,74%). A menor demanda, devido às férias escolares, e a maior disponibilidade fizeram cair o valor do grão carioca no varejo. A produção nacional e as importações elevaram a oferta e reduziram o preço.
- Entre junho e julho, o valor médio do **arroz** baixou em 13 capitais, com oscilações entre -3,90%, em Belo Horizonte, e -0,37%, em Recife. Em outras quatro capitais, o preço aumentou, com destaque para Porto Alegre (2,26%). Em 12 meses, todas as cidades tiveram taxas acumuladas positivas, as maiores em Curitiba (41,50%), Vitória (40,73%) e Goiânia (40,30%). A maior oferta de grão importado, visto que as exportações seguiram atrativas para os produtores nacionais, fez com que os valores médios caíssem no varejo.
- O valor do quilo da **batata** diminuiu em sete das 10 capitais da região Centro-Sul, onde o tubérculo é pesquisado, com variações entre -12,01%, em Brasília, e -5,56% em São Paulo, entre junho e julho. Em 12 meses, todas as cidades tiveram elevação de preço, com destaque para as variações de Campo Grande (146,60%), Rio de Janeiro (90,81%) e Florianópolis (84,06%). A maior oferta, com a colheita da safra de inverno, foi responsável pela redução dos preços no varejo.

São Paulo

Em julho de 2024, o custo da cesta básica na cidade de São Paulo foi o maior entre as 17 cidades, chegando a R\$ 809,77, o que significou -2,75% a menos que em junho. Na comparação com julho de 2023, o valor subiu 5,17%. Nos sete primeiros meses do ano, houve aumento de 6,41%.

Entre junho e julho de 2024, sete dos 13 produtos que compõem a cesta básica tiveram alta nos preços médios: café em pó (3,49%), óleo de soja (1,71%), arroz agulhinha (0,99%), leite integral (0,87%), pão francês (0,77%), açúcar refinado (0,66%) e carne bovina de primeira (0,18%). Outros seis produtos apresentaram redução de valor: tomate (-19,22%), batata (-5,56%), banana (-0,87%), feijão carioca (-0,83%), farinha de trigo (-0,66%) e manteiga (-0,29%).

No acumulado dos últimos 12 meses, foram observadas elevações em oito dos 13 produtos da cesta: batata (64,84%), arroz agulhinha (38,86%), banana (12,85%), açúcar refinado (9,03%), café em pó (9,02%), manteiga (2,87%), pão francês (2,85%) e leite integral (2,49%). Foram registradas quedas em outros cinco itens: farinha de trigo (-9,28%), feijão carioca (-5,31%), tomate (-4,02%), carne bovina de primeira (-2,53%) e óleo de soja (-0,30%).

Em julho de 2024, o trabalhador de São Paulo, remunerado pelo salário mínimo de R\$ 1.412,00, precisou trabalhar 126 horas e 10 minutos para adquirir a cesta básica, tempo menor do que em junho, quando necessitou de 129 horas e 44 minutos. Em julho de 2023, quando o salário mínimo era R\$ 1.320,00, foram necessárias 128 horas e 20 minutos para a aquisição da cesta.

Considerando o salário mínimo líquido, após o desconto de 7,5% da Previdência Social, o mesmo trabalhador comprometeu, em julho de 2024, 62,00% da remuneração para adquirir os produtos da cesta básica, suficiente para alimentar um adulto durante um mês. Em junho, o percentual gasto foi de 63,75%. Já em julho de 2023, o trabalhador comprometia 63,06% da renda líquida.